

rever na identidade mais vasta da federação jugoslava. De outro modo, a solução encontrada vai diluir a identidade da federação e provocar o seu colapso, trazendo para primeiro plano os interesses de cada uma das regiões, as rivalidades económicas, a agenda nacionalista das diferentes comunidades e ressuscita antigas tensões étnicas, culturais e políticas.

A morte de Tito e o processo de desagregação do chamado "socialismo real" compenetra os dirigentes de cada uma das principais comunidades que o seu futuro deverá fazer-se à custa da identidade jugoslava, pela afirmação de reivindicações nacionalistas.

A retórica nacionalista - a de sérvios e croatas, pelo menos - não é uma novidade pós-Tito. É algo que se manifesta desde o final dos anos 60, início da década de 70, muitas vezes a partir do interior do regime.

A afirmação do discurso nacionalista e étnico em detrimento da entidade política jugoslava intensifica-se com morte de Tito, em 1980. Uma década mais tarde, no início de 1990, a Liga dos Comunistas deixa de ter carácter federal, assume-se como organização política autónoma em cada uma das repúblicas, com liderança e objectivos próprios, ou é

dissolvida e substituída por formações políticas de distinta génese ideológica. Neste contexto, o Exército Nacional Jugoslavo (JNA) passa a ser olhado como um instrumento de ocupação ao serviço da estratégia da Grande Sérvia delineada em Belgrado, o que acelera o aparecimento de corpos militares regionais.

Em Maio de 1991, com a oposição sérvia à tomada de posse de um croata, Stjepan "Stipe" Mesic, na presidência rotativa da federação, fica aberto caminho para a secessão e para a guerra civil na Jugoslávia.

Os principais confrontos ocorrem inicialmente entre sérvios e croatas em regiões da Croácia onde aqueles constituem uma importante percentagem da população, mas o conflito estende-se, ainda em 1991, a sectores da Bósnia-Herzegovina onde aquelas duas comunidades estão implantadas. É o caso do enclave dos sérvios bósnios da Krajina.

Os combates vão revestir-se na Bósnia de uma rara brutalidade. Qualquer uma das três comunidades aspira a tornar-se hegemónica ou a seccionar este território, incorporando-o nas respectivas repúblicas ou fundando, no caso dos muçulmanos, uma nova entidade.

Após o referendo pela independência de Março de 1992, os confrontos intensificam-

se, entre sérvios bósnios e muçulmanos; num segundo momento, estes vão enfrentar os croatas bósnios, para, num terceiro momento, muçulmanos e croatas convergirem numa aliança táctica para expulsar os sérvios.

"Limpeza étnica"

É nesta conjuntura que todos os fantasmas do passado são convocados por sérvios, croatas e bósnios, verificando-se combates de extrema violência, a radicalização do discurso político, a prossecução de métodos de "limpeza étnica", a brutalização das comunidades adversárias.

Embora sejam as forças sérvias a surgirem associadas a alguns dos piores massacres cometidos na Bósnia, nenhuma comunidade está isenta de responsabilidades na prática de violência e de actos de extermínio deliberado sobre o inimigo.

As forças sérvias, sob o comando do general Ratko Mladic (ainda a monte e procurado pela Tribunal Penal Internacional para a ex-Jugoslávia), realizam uma série de incursões sobre enclaves bósnios, de que ficará a memória de Srebrenica, em que se estima terem sido massacrados oito mil muçulmanos.

Mas os sérvios da Bósnia vão ser, no final,

um dos principais derrotados. Serão mais de 200 mil a abandonar o enclave da Krajina no Verão de 1995, quando uma ofensiva croata conquista a área. Refugiam-se na Sérvia, onde representam cerca de 50% da população civil forçada a abandonar as suas regiões de origem; os restantes 50% chegam da Croácia.

Estes refugiados são protagonistas de situações trágicas, a maioria - civis forçados a envregar um uniforme nas milícias locais - vem terminar os seus dias na Sérvia, desenraizados, dependentes de miserios subsídios, menosprezados pelos com-patriotas pelo duplo argumento de que perderam as suas batalhas e que constituem um peso suplementar na economia de um Estado a braços com um bloqueio internacional e uma liderança política que caminha, a passos largos, para o suicídio. Muitos dos refugiados seguirão, de forma literal, idêntico percurso, como relata, de forma impressiva, a reportagem de um jornalista do *New York Times*, Chris Hedges, no texto "Diário de Belgrado: Deslocados Sérvios nos Jardins da Dor e da Morte" (www.nytimes.com/specials/bosnia/context.html). Como o título indica, a dor, a morte, as vítimas - foram comuns a todos os lados das barricadas nesta guerra. I